



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LUIS CARLOS MIDA NHASLAMBÉ

**SOCIALISMO AFRICANO: UMA RELEITURA DE LEOPOLD SEDAR SENGHOR
A PARTIR DA ONTOLOGIA DA FORÇA VITAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

LUIS CARLOS MIDA NHASLAMBÉ

**SOCIALISMO AFRICANO: UMA RELEITURA DE LEOPOLD SEDAR SENGHOR
A PARTIR DA ONTOLOGIA DA FORÇA VITAL**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB) – Campus dos Malês.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert Da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

LUIS CARLOS MIDA NHASLAMBÉ

**SOCIALISMO AFRICANO: UMA RELEITURA DO LEOPOLD SEDAR SENGHOR
A PARTIR DA ONTOLOGIA DA FORÇA VITAL**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB) – Campus dos Malês.

Aprovado em: 25 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador e Presidente: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert Da Silva Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador Interno: Prof. Dr. Ismael Tcham
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador externo: Prof. Ms. Adeilson Lobato Vilhena
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	5
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO	6
2.2 AS DIVERSAS VIAS DO SOCIALISMO NA ÁFRICA, PRINCIPALMENTE NA PERSPECTIVA DE KWAME NKRUMAH, JULIUS KAMBARAGE NYERERE E LÉOPOLD SEDAR SENGHOR.....	9
2.3 EM BUSCA DE UMA LEITURA DE SENGHOR POR ELE MESMO	13
2.4 SENGHOR PENSADO NO SÉCULO XXI.....	15
3- PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
4 - OBJETIVOS.....	18
4.1 OBJETIVO GERAL:.....	18
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	18
5- HIPÓTESES.....	19
6- JUSTIFICATIVA	20
7- METODOLOGIAS.....	21
8.CRONOGRAMA.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, apresentar, problematizar e analisar os principais elementos e conceitos referentes à temática do socialismo africano, bem como a relação deste com a concepção senegalesa da ontologia da força vital. De acordo com Pereira Costa “o socialismo é uma doutrina política e econômica baseada sobretudo no princípio de igualdade” (P. COSTA, 2018, p. 12). Diante disso, podemos concluir que o socialismo é uma doutrina que aponta para construção de uma sociedade mais justa e igualitária sem desigualdade.

No entendimento de Eduardo Devés-Valdés, citado por Magnuson da Costa observa que:

O chamado “socialismo africano” é uma ampla tendência de pensamento, a mais importante da região sul-saariana na época, tanto pelas figuras que a compunham, como pela originalidade das idéias e o reconhecimento intelectual que tiveram. Constituíram essa tendência K. Nkrumah, J. Nyerere, L. Senghor, S. Touré e, parcialmente, A. Cabral. Foi elaborada entre 1955 e 1970 aproximadamente. O “socialismo africano” não deve ser confundido com o pensamento marxista na África. Vários dos pensadores dessa escola receberam elementos do pensamento marxista, mas se definiram como não marxistas. Houve outros autores que, assumindo o marxismo, como F. Fanon, S. Amin, M. Babu, não poderiam ser situados dentro do “socialismo africano”, ainda que tenham sido socialistas e tenham produzido na África (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p. 126 apud DA COSTA, 2021, p. 60).

Eles pensaram o socialismo a partir da realidade social da sociedade tradicional africana, porém, não se consideravam marxistas. Dentre esses autores que pensaram o socialismo na África, escolhemos a concepção de Senghor como objeto de pesquisa, com isso não o consideramos o melhor em relação aos demais, mas, configura como o autor que nos despertou mais a atenção, porque conseguimos mais referências bibliográficas da sua obra, o que irá facilitar na elaboração da nossa pesquisa. Também, diferentes autores de grande importância, hoje no contexto do pensamento africano, reconhecidos internacionalmente, manifestam essa simpatia e crítica do pensamento de Leopold Sedar Senghor¹, então, é algo que merece uma análise, para buscar compreendê-lo. Esses são elementos que nos motivou a o escolher, em detrimento dos outros pensadores políticos dessa mesma época, porque possuíam um

¹ Leopold Sédar Senghor, intelectual senegalês e poeta do movimento da Negritude que se tornou deputado da assembleia nacional francesa (1945) e consolidou o processo de independência do Senegal dentro do escopo da África ocidental francesa, ocupando o cargo de primeiro presidente (1960 a 1980) e foi autor de uma ampla obra literária e política (1930-2000)

pensamento político-social importante para o continente africano. Portanto, retomemos essa temática para pensar o desafio que o continente africano enfrenta nos dias atuais.

Senghor é um intelectual senegalês poeta e político. Segundo Scholl, (2018, p. 124) ele foi o primeiro africano a licenciar na Universidade de Paris, e nesse mesmo universidade que o mesmo começou a escrever as suas obras poéticas, também é um dos precursor do movimento da Negritude, e foi político, dentro da Assembleia Nacional Francesa (1948-1958), em suma depois da independência ele foi primeiro presidente da república de (1960-1980) .

É difícil desmistificar as atuações e reflexões políticas de Senghor com o seu percurso como escritor e poeta, principalmente, pela sua relação como movimento da Negritude, que ele fundou juntamente com Aimé Césaire. Senghor, via o socialismo como opção política certa para a independência, para ele, existe no socialismo uma “afinidade natural com a tradição comunitarista africana” (De Mello, 2016, p. 3)

Trata-se de um trabalho de conclusão do curso de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades em formato de projeto de pesquisa que busca compreender o socialismo africano e fazer uma releitura de Senghor na contemporaneidade por pensadores como Souleymane Bachir Diagne.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO

África não é um continente isolado, visto que, desde a antiguidade havia contato entre povos africanos com outros povos, nomeadamente árabes e europeus. De acordo com Charles e Sá (2011) “os árabes foram os primeiros povos a chegarem na costa oriental do continente africano, movidos pelo comércio de minerais, marfim, e madeiras raras”. O interesse dos Árabes era mais no domínio do comércio no continente africano. Já o contato dos europeus com o continente africano, é marcado pelo verdadeiro “processo de ocupação territorial” que impulsionou “exploração econômica e domínio político do continente” pelo os mesmos que começou no século XV e prolongou-se até meado do século XX (CHARLES; SÁ 2011, p. 4). Essa dominação do continente africano pelos europeus não proporcionou somente, a colonização, mas também o próprio tráfico dos escravizados.

Além disso, o tráfico dos escravizados durou séculos e contribuiu drasticamente para redução demográfica no continente africano. Segundo Charles e Sá “o tráfico de escravizados

dividiu povos, nações e causou desorganização na vida econômica e social dos africanos. Milhões de pessoas foram mandadas a força para as Américas, e grande parte morreram durante as viagens”. (Idem. 2011, p. 5).

África antes da dominação e exploração colonial “era habitado por povos de diferentes e etnias (berberes, bantos, khoisan, dentro outros)” essas etnias se organizavam em pequenos reinados, que dominavam atividades como “agricultura, a pesca, mineração e caça”. (Idem, 2011, p.15). Isso nos mostra que antes da chegada dos europeus no continente africano, que o continente possuiu, ao longo de sua história, etnias e diversas civilizações complexas e uma ampla variedade de formações políticas e culturais, ou seja, os povos africanos eram organizados em reinos, que tinham organização políticas, econômicas, e sociais bem estruturadas.

Ainda em conformidade com Charles e Sá, “a ganância pela riqueza da África gerou, muitos conflitos entre os colonizadores e para amenizar as tensões foi realizada a conferência de Berlim 1884-1885 (divisão dos territórios da África)”. Deste encontro surgiram os limites das fronteiras da maior parte dos atuais países”. (Idem, 2011 p. 15). De modo geral, podemos dizer que, atual mapa que circunscrevem o continente foi fruto de conferência de Berlim, que mudou drasticamente o mapa político, a forma de viver dos africanos e trouxe consigo o colonialismo, que efetivou a dominação política, econômica e cultural no continente africano. Além disso, os mesmos autores reforçaram que “a expansão ultramarina, a navegação europeia, a ocupação colonial e a partilha da África na conferência de Berlim marcaram profundamente o caráter cartográfico do continente africano”. (idem, 2011, p. 1) Por conseguinte, a conferência de Berlim no século XIX definiu as normas, para repartição do continente africano para as metrópoles europeias, em fronteiras artificiais que romperam um pouco com as conexões, tradições e as circulações que haviam entre povos no continente africano.

No entanto, a ideia da descolonização do continente africano começou a ser pensada fora do próprio continente. De acordo com Mudimbe,

“A crítica indiana do colonialismo, que começou na década de 1920, e a influência crescente do Marxismo a partir da década de 1930 abriram uma nova era que deu lugar á possibilidade de novos tipos de discursos que, segundo a perspectiva colonial, eram absurdos e abomináveis. Os mais originais incluem o movimento de negritude, a quinta conferencia Pan-africana e a criação da *Présence Africaine*.²eventualmente, estes sinais deu uma vontade africana de poder conduziram a confrontos políticos e intelectuais [...]. (MUDIMBE. 2013 p. 112).

² *Présence Africaine* é uma revista trimestral pan-africana cultural, política e literário, publicado em Paris França, é fundado por Alioune Diop em 1947.

Enfim, essas ideias iluminavam as tendências e preocupações de aprendizagem africanas rumo a libertação. Na opinião do mesmo autor, o ensaio de Sartre intitulado “*Orfeu Negro*”, de 1948, e com a obra de Senghor, que chamou de uma introdução a “*Anthology of New Negro e Malagasy Poetry*,” é que transformaram a Negritude num importante evento político e na crítica filosófica do colonialismo (MUDIMBE, 2013, p. 112). Portanto, com a publicação dessas duas obras a Negritude transformou-se em um movimento com mais cunho político de que literário, esse cunho político da Negritude teve um papel importante na emancipação dos negros no mundo e na própria libertação do continente africano do jugo colonial.

É evidente que o Pan-africanismo e negritude foram balão de oxigênio na idealização das independências no continente africano. De acordo com Kodjo e Chanaiwa (2010, p. 897), o pan-africanismo nasceu no Novo Mundo, nos séculos XVIII e XIX, em favor da luta dos negros pela libertação, contra a dominação e a exploração dos brancos. Em outras palavras, o pan-africanismo lutava pela igualdade, e direitos dos negros no mundo. Segundo Mudimbe, a Negritude surgiu em Paris na década de 1930 como movimento estudantil e literário, e só mais tarde que passou ter “implicações políticas”. Ele aponta ainda que os fundadores da Negritude como “Aimé Césaire, Léon Damas, Léopold Senghor usaram sobretudo a poesia para explorar e falar sobre as suas diferenças enquanto negros” (MUDIMBE, 2013; p. 112), ou seja, eles desenvolveram toda uma consciência específica para despertar da civilização negra. Isso serviu para dar dignidade aos povos negros, além disso, criaram uma civilidade negra que seria um ponto de unidade dos negros no mundo.

A independência do continente africano é a principal pauta do quinto congresso pan-africano, realizado em Manchester em 1945. Kodjo e Chanaiwa (2010, p. 899) apontam que as decisões que saíram nesse congresso tinham tom mais e radical, em relações aos outros congressos anteriores. Ou seja, independência era imperativo, porque segundo esses mesmos autores “declarações dirigidas às potências coloniais exigiam, o seguinte:

1. A emancipação e a total independência dos africanos e dos outros grupos raciais submetidos à dominação das potências europeias, as quais pretendiam exercer, sobre eles, um poder soberano ou um direito de tutela;
2. A revogação imediata de todas as leis raciais e outras leis discriminatórias;
3. A liberdade de expressão, de associação e de reunião, bem como a liberdade de imprensa;
4. A abolição do trabalho forçado e a igualdade de salários para um trabalho equivalente;
5. O direito ao voto e à elegibilidade para todo homem ou mulher com idade a partir de vinte um anos;
6. O acesso de todos os cidadãos à

assistência médica, à seguridade social e à educação. (KODJO; CHANAIWA, 2010, p. 899)

Portanto, essas deliberações exigiam finalmente o fim da “dominação política e econômica dos imperialismos estrangeiros”. Este evento tem relevância para o continente africano, porque segundo os autores é, “pela primeira vez os africanos advertiam formalmente as potências europeias, para muito bem atentarem ao fato que eles também recorreriam à força para se libertarem, caso elas persistissem em querer governar a África pela força”. (idem, 2010, p. 899). Em suma, o quinto Congresso é um marco histórico porque é o passo decisivo para independências dos países africanos.

Se tomemos a conferência de Berlim com marco do início da colonização do continente africano pelas potências europeias durou sete décadas, porque o grande boom das independências africanas começou somente nas décadas de 1950 e 1960. (MARIANA STEFFEN; LEONARDO WEBER; PEDRO ALT. 2013, p.67). Essas independências se deram de diferentes maneiras, umas foram conquistadas através do processo de negociação pacífica e outras, através da luta armada.

2.2 AS DIVERSAS VIAS DO SOCIALISMO NA ÁFRICA, PRINCIPALMENTE NA PERSPECTIVA DE KWAME NKRUMAH, JULIUS KAMBARAGE NYERERE E LÉOPOLD SEDAR SENGHOR

Como é que esses autores inspiraram no socialismo como via política alternativa para emancipação do continente africano? Segundo De Mello (2016), “a inspiração socialista esteve presente em movimentos que buscavam emancipação nas regiões de colônias, em que a Europa estendeu domínios político-econômicos”. Autor ainda aponta que o socialismo era apropriado pelos esses movimentos como via alternativa que visava construir sociedades novas que vai ultrapassar prejuízos do próprio colonialismo (DE MELLO, 2016, p. 1). Portanto, África era uma dessas regiões que sofria com essa dominação política e econômica da Europa.

No final do colonialismo no continente africano, várias tendências de pensamentos surgiram na África, e que se desenvolveram dos próprios africanos, principalmente nos anos 50-60 como no caso do “socialismo africano”. Contudo, “a maioria dos governantes optaram inicialmente por um modelo que ficou conhecido como o socialismo africano, que não buscava seguir os preceitos do socialismo soviético ou chinês” (M'BOKOLO, 2009. *Apud* SPOHR; ANDRIOTTI; CERIOLI, 2013, p. 103). Esses novos “regimes, em sua maioria, buscavam reduzir a dependência externa e a pobreza, e promover o desenvolvimento econômico, a

construção do Estado, o bem-estar e valorização das culturas africanas” (idem, 2013, p.103). Por conseguinte, esses governantes africanos sustentavam ideia do retorno dos valores das sociedades tradicionais africanas, segundo alguns autores, era sem classes (SPOHR, ANDRIOTTI & CERIOLI, 2013 p. 107), portanto, o Socialismo africano era um modelo econômico alternativo que alguns líderes africanos adotaram como guia para tirar o continente do jugo colonial.

No entanto, é possível verificar a ausência de uma semelhança na forma de pensar a via africana do socialismo em diferentes pensadores e lideranças africanas. Desse modo, as perspectivas de K. Nkrumah, de Julius Nyerere e de Léopold Sédar Senghor tem suas próprias especificidades porque cada um pensou o socialismo a partir da sua realidade. De Mello (2016, p. 5), afirma que “esses autores recriaram a concepção do socialismo a partir de contextos sociais não industriais da África o que lhes impuseram tarefas específicas quanto aos meios de construção de seus movimentos políticos”.

Para Kwame Nkrumah (1967), o socialismo é o termo que busca restaurar os “princípios sociais humanistas e igualitários” do continente. Nkrumah ainda aponta que o termo “socialismo” na África deve ser usado, para “descrever um conjunto de propósitos sociais e as políticas econômicas, padrões de organização, estruturas dos estatais e ideologias que podem levar à concretização desses propósitos” (NKRUMAH, 1967 p. 2). Para ele isso é a forma correta e coerente de usar o termo socialismo para realidades africanas.

Nkrumah rebate que a “expressão Socialismo Africano se alinha com à visão de que a sociedade tradicional africana era uma sociedade sem classes, imbuída do espírito de humanismo, e expressa uma nostalgia por esse espírito”. Ele não concordava com essa ideia, argumentou ainda que, não existe nenhuma evidência histórica e nem antropológica que comprovam existência de tal sociedade sem classe na África “em que não havia ricos e pobres” (NKRUMAH, 1967, p. 3). Nkrumah não acreditava nessa tese do socialismo africano, porque ele esforçava também em teorizar sobre a aplicação concreta do socialismo científico para a realidade africana.

Nkrumah levava a cabo as tarefas de concretização da libertação nacional e de unidade do continente, pela autodeterminação dos povos, e colocou as seguintes tarefas que deve ser atingido pelos movimentos de libertação nacionais que é a independência nacional, consolidação nacional, unidade transnacional, e reconstrução econômica segundo os princípios do socialismo científico (NKRUMAH, 2018, p. 14-15). Isso mostra que ele tem forte inspiração no socialismo científico e da unidade do continente africano.

Por último ele aponta quem são os socialistas na África:

consequentemente, o socialismo na África introduz uma nova síntese social em que a tecnologia moderna é reconciliada com os valores humanos, na qual a sociedade tecnicamente avançada é realizada sem os espantosos malefícios sociais e profundas cisões da sociedade capitalista industrial. Isso porque um verdadeiro desenvolvimento econômico e social não pode ser promovido sem a socialização real dos processos produtivos e distributivos. Os líderes africanos que acreditam nestes princípios são os socialistas na África. (NKRUMAH, 1967, p. 2).

Isso era ideia que os socialistas africanos defendiam principalmente autores como Nyerere e Senghor.

Julius Kambarage Nyerere, na sua obra *Ujamaa: a base do socialismo africano* de 1962 afirma que, o socialismo e a democracia estão enraizados nas culturas africanas. Por esse efeito, africanos devem só “reativar a filosofia da cooperação na produção e na distribuição equitativa”; Nyerere realça ainda que a cultura camponesa africana sendo essencialmente socialista, e democrática, implica a inexistência da luta de classes. Ele propunha para Tanzânia desenvolver “Ujamaa” que é uma aldeia familiar, no sentido mais lato, que seria a base desse socialismo africano na Tanzânia, era uma aldeia que onde o respeito para os demais reinava, a propriedade era comum, porque pertencia a comunidade, e o trabalho é a obrigação para todos. (NYERERE, 1962) Isso era princípio básico que ele levantava para socialismo africano.

Para Nyerere o primeiro passo para atingir “Ujamaa”, portanto, deve ser a reeducação dos próprios africanos; para depois recuperar essa antiga atitude de espírito (humanista, democrático). Porque para autor, os indivíduos viviam dentro da comunidade na sociedade tradicional africana, e os indivíduos cuidavam da comunidade e do mesmo jeito que a comunidade cuidava também dos indivíduos que nela habitam. (NYERERE, 1962, p. 4, tradução nossa). Portanto, a vida coletiva e a solidariedade social dão os costumes africanos um fundo de humanismo, pelo qual um indivíduo não pode considerar a vida fora da família da aldeia ou de clã.

Contudo, Nyerere aponta ainda que, o socialista europeu não consegue pensar em seu socialismo sem capitalismo, considerava essa contradição bastante inaceitável. Ou seja, essa contradição dá ao capitalismo o que ele não reivindica e nem merece. Praticamente ele dizia: “que os socialistas europeus doutrinários glorificaram o capitalismo, ele considerava isso intolerável, porque partindo desse pressuposto não podem haver o socialismo, sem o capitalismo e o conflito que este criou dentro da sociedade”. (NYERERE 1962, p. 7, tradução nossa)

Ele ainda afirma que, duvida da existência de uma palavra que equivale a palavra “classe” em qualquer língua africana indígena; pois para ele linguagem descreve as ideias daqueles que os falam. Ele conclui que a ideia de "classe" ou "casta" era inexistente na sociedade africana, (ibidem 1962, p.7, tradução nossa). Em suma, isso mostra que não existia ideia de classe nas sociedades tradicionais africanas, ele tinha ideia contrária ao do Nkrumah que não aceitava a comprovação histórica da existência dessa sociedade na África.

Fabrizio Cardoso de Mello em sua leitura de Senghor³, aponta que o “materialismo ateu” do Marx pós-1848 seria incompatível com o espírito africano, religioso por essência e, por causa disso, Senghor se identificava mais com seus trabalhos prévios, nos quais o idealismo é mais saliente” (SENGHOR, 1961, *apud* DE MELLO 2016 p. 3). Segundo Diagne, o verdadeiro Marx para o Senghor é o filósofo de ano de 1844 que através de um positivismo científico que constituiu ar do seu tempo. Foi esse Marx que Senghor adotou para formulação do socialismo africano que tem como principal elemento o filósofo de “alienação” e não economista de “mais-valia”. Em suma para ele, Senghor lê Marx com a interpretação de P. Teilhard de Chardin e, sob a influência da filosofia bergsoniano. (DIAGNE, 2018, p. 31). São esses autores que influenciaram o pensamento do Senghor.

Leopold Sedar Senghor é um dos preconizadores do socialismo africano, ele afirmava que a sociedade africana ancestral era baseada na comunidade, que se encontrava sustentada nos valores espirituais e democráticos, isso o levava a pregar um socialismo comunitário, em oposição a outro socialismo coletivista. O socialismo comunitário, que para ele é o socialismo africano originário. De acordo com ele a sociedade negra africana é uma sociedade sem classe, mas isso não significa que não havia diferenças nessa sociedade, e nem de hierarquia ou divisão do trabalho. (SENGHOR, 1960, p. 9)

Segundo De Mello Senghor formulou o socialismo africano a partir da “cultura negra africana” que o socialismo nessa cultura era praticado antes da chegada dos europeus, porque essa sociedade é uma sociedade coletivista e comunitária, desse modo em conformidade com autor socialismo para o Senghor é uma via política para a África pos-colonial. Autor partiu do mesmo pressuposto para afirmando que o socialismo africano, estava já “presente num tipo de organização social horizontal e igualitária que predominava no continente antes da dominação colonial, e o passo necessário para resgatá-lo seria um processo de renascimento cultural empreendido por um partido comprometido com a causa negro-africana” (SENGHOR, 1961

³ SENGHOR, Sedar Leopold. o modo africano de socialismo, em Nação e modo africano de socialismo, Paris, Présence Africaine (1961 [1960])

[1959] apud, DE MELLO, p. 5). É o partido comprometido com essa causa que vai ter a prerrogativa de organizar o Estado através desse modelo.

2.3 EM BUSCA DE UMA LEITURA DE SENGHOR POR ELE MESMO

O pensamento do Senghor foi objeto de diferentes críticas como por exemplo, de Stanislas Adotive outros. Em nossa pesquisa buscaremos analisar essas abordagens críticas do pensamento do Senghor buscando sobretudo mostrar pontos em comuns.

Senghor na sua obra “caminho africano do socialismo” publicado em 1960, criticou o socialismo científico e esclareceu os principais pontos da doutrina socialista mais exatamente o seu método sobre qual afirma que: “hoje em dia não é necessário voltar ao método do socialismo científico, mas repensá-la à luz das realidades africanas”. Ainda mostra que isso trata-se precisamente de confrontá-la com as realidades de cada país, a fim de desenvolver um novo método, mais apropriado para a compreensão das nossas realidades e para transformá-las efetivamente. Senghor afirma ainda que, a “época de filosofar já passou; chegou a época de agir”. (SENGHOR, 1960, p. 79), agir no sentido de transformação da realidade africana subdesenvolvido para o próprio desenvolvimento que vai melhorar o nível da vida, e de cultura de todos os cidadãos em todos os países africanos.

Senghor afirmou ainda que:

os africanos lutaram legitimamente contra o colonialismo, porque o colonialismo é a dependência política e econômica de um povo em relação a outro. Obviamente, não pode haver o desenvolvimento da personalidade de um povo sem liberdade para desenvolver-se, e não pode haver liberdade sem liberdade específicas. e não pode existir liberdade na alienação total, resultado do colonialismo, não pode haver liberdade com o sufocamento de seu ser original; não pode haver independência na dependência. (SENGHOR, 19960, p. 79).

Para o senegalês, isso era pressuposto básico que justificava a luta contra colonialismos na África. Segundo ele “os africanos lutaram contra jugo colonial europeia, com a própria arma da Europa”. Onde aponta que, “só foi possível combater o colonialismo no continente africano, porque os africanos emprestaram as armas do proletariado europeu que os ensinaram que as suas lutas eram idênticas. Mas ele negou isso, afirmando que as suas lutas podem ser similares, mas não idênticas. Para autor “os proletariados europeus são mantidos em situação de dependência como indivíduos reunidos em classe e não como uma raça ou povo”. E os africanos

eram colonizados como: um povo subdesenvolvido, com um povo atrasado, e por fim como negros, ou seja, pessoas que pertencem uma cultura diferente dos europeus. Senghor concluiu dizendo que, “isso era o argumento básico do colonizador, que os africanos eram primitivos e, sobretudo, preguiçosos; que era necessário abrimo-nos ao progresso, á “luz da civilização” (idem, 1960, p. 80). porque para colonizadores europeus o progresso e a civilização só podiam ser dos europeus, que na África não existia civilização e nem o progresso, portanto o continente tinha que emprestar tudo de Europa para atingir o tal progresso e a civilização, os africanos eram subalternizados pelos europeus.

Segundo Senghor (1960) há uma romanização e popularização do chamado “solidariedade do proletariado” Europeu com os povos colonizados. Porque,

Efetivamente, a conquista europeia, a colonização beneficiou não somente a burguesia capitalista, mas também a classe média e o proletariado europeu. Permitiu a emigração dos “brancos pobres” para os países colonizados, a conquista de mercados exóticos e de fáceis fontes de matéria-prima. Consequentemente, favoreceu o desenvolvimento do industrial europeu e elevou o nível de vida das massas das europeias. (idem, 1960, p. 80).

Isso mostra que os proletariados europeus mesmo sendo de classes baixa, de uma forma a outra também, bonificaram com a colonização do continente africano.

Ele ilustrou tudo isso para depois mostrar que a independência do espírito e a cultural, constituem o pré-requisito necessário para outras independências, como política, econômico e social. Depois fez a criticar ao socialismo europeu, mostrando que o “socialismo científico” de Max e de Engel, não podem ser aceites na sua forma presente como muitos intelectuais africanos o aceitam, sejam estudantes ou líderes sindicais. Desse modo, considerava o socialismo como um método que deve ser testado nas realidades africanas, porque para ele os africanos herdaram dos seus antepassados métodos dos conhecimentos eficientes e próprios, que vai orientar o que chamou de o “caminho africano para socialismo”. (Ibidem, 1960, p. 81).

O pensamento do Senghor foi alvo de muitas críticas, Digne aponta no seu artigo “a negritude como movimento e como devir” que o Senghor foi criticado por causa do leitura que Sartre fez da negritude, como algo fixa e imobiliza, no prefácio que ele ofereceu, em 1948, à antologia dos poetas negros publicada ao final da guerra por Senghor, intitulado "Orfeu Negro", o qual fez desta última o Manifesto da Negritude. Obviamente quando Sartre fez essa leitura da negritude ele o fez de uma forma dialética, porque tinha a leitura própria do marxismo, e buscou compreender a Negritude de uma forma dialética hegeliana-marxista, sobre qual chamou Negritude de “racismo anti-racista”. Com essa leitura da negritude Sartre acaba essencializando

a própria negritude, fazendo com que a mesma assume uma forma fixa pronta e acabada. No entanto, essa leitura influenciou os críticos do Senghor, porque para autor esses críticos passaram a ler Senghor a partir da perspectiva do Sartre. Então em contra ponta a essa leitura da negritude como algo estático e imutável. Diagne fez uma leitura de negritude como movimento, como “devir” que seria na verdade a própria ideia original da negritude, ou seja, a ideia Senghoriana da negritude. Ele mostra ainda que ele não inventou essa ideia, mas é a própria ideia da negritude. Ou seja, os próprios pais fundadores da negritude, o olhava na perspectiva de um mundo híbrido não em razão dos acidentes do encontro, mas em razão da compreensão advinda de que a hibridação é um dever-ser. (DIAGNE, 2017, p.27).

Fala do Senghor sobre Jean Paul Sartre,

Eu acredito, como Jean Paul Sartre, que 'a Negritude é dialética'; eu não creio que 'ela dará lugar a valores novos'. Penso, mais exatamente, que na civilização do universal na qual nós entramos com o último quarto do século, a Negritude constituirá, e já constitui (...), um conjunto de contribuições essenciais. Portanto, ela não desaparecerá; ela desempenhará, novamente, seu papel, essencial, na edificação de um novo humanismo mais humano, porque ele terá, enfim, reunido, na sua totalidade, as contribuições de todos os continentes, de todas as raças, e de todas as nações. (SENGHOR, 1993, p. 108 *apud* DIAGNE, 2017, p. 32).

Senghor queria mostrar Sartre que a Negritude ia desaparecer, porque ela é o próprio movimento como aponta Diagne.

A Negritude, em seus diferentes aspectos, sempre foi uma estética. Desde o seu primeiro escrito até as reflexões sobre o socialismo africano. (DIAGNE, 2017, p. 28). Estética era um elemento primordial para filosofia do Senghor.

2.4 SENGHOR PENSADO NO SÉCULO XXI

Souleymane Bachir Diagne aponta que há duas formas possíveis de conhecer segundo Senghor, a primeira forma é a razão-olho e a segunda é a razão-enlace. Onde aponta que a razão-olho é uma “abordagem cognitiva analítica”, que assenta sobre aprofundamento da distância entre objeto percebido e sujeito que percebe e, razão-enlace é uma abordagem cognitiva por simetria, ou seja, é aquilo que nos instala imediatamente no coração”. (DIAGNE, 2018, p.15) Essa segunda forma de conhecer, segundo Senghor é a forma de conhecer do “negro-africano” porque:

o negro-africano abandona sua personalidade para identificar com outro, morre para renascer no outro. Ele não assimila, ele é assimilado. Vive uma

vida comum com o outro; vive numa simbiose.[...] O negro-africano quando ele encara o objeto a ser conhecido, quando olha o outro: Deus, homem, animal, árvore ou pedra, fenômeno natural ou social. em contraste com europeu, o negro-africano não se distingue do objeto; ele não permanece a distância, nem meramente o olha e o analisa. Depois de vê-lo a distância e de analisa-lo, o negro-africano toma o objeto em suas mãos vibrantes, tendo cuidado para não o fixar e mata-lo. ele o toca, ele o apalpa, ele o sente. (SENGHOR. 1960, p. 84)

Portanto, pode-se dizer que o negro-africano para conhecer um objeto, mente em caminhar com mesmo objeto, ao passo que, europeus para conhecer ficam longe do objeto.

Na visão Diagne, a filosofia Senghoriana é considerada como filosofia de “dança” essa concepção estava presente tanto nas suas poesias, assim como nas suas reflexões teóricas, ele via dança como elemento primordial na vida dos africanos. Essa concepção de Senghor é fruto da própria influência que ele recebeu do Bergson. (DIAGNE, 2018, p. 15).

A ideia da emoção de Senghor vem do movimento de ato de conhecer em oposição a ideia segundo a qual é preciso fixar para realmente conhecer. Isso mostra que o conhecimento é dinâmico, também podemos ver grande influência do próprio Bergson sobre essa ideia do Senghor. Em conformidade com autor o bergsonismo do Senghor expressa as dualidades entre a razão-olho e a razão-enlace, por causa disso, Senghor foi alvo de crítica de muitos outros pensadores o acusa de ter retomado a tese de Lévy-Bruhl no que concerne a “mentalidade primitiva”. Porém Diagne aponta que o pensamento do Senghor deve ser entendido de forma mais ampla, ou seja, como “arte africana” e, não mais como aquela velha interpretação restritiva/reduzida que foi alvo de crítica por muitos pensadores. (DIAGNE, 2018, p.16).

De acordo com Diagne, que os críticos Senghor não foram muito atentos a ler os textos dele de fato, mesmo assim o acusaram de ter retomado a ideia de Lévy-Bruhl quando ele escreveu numa das suas primeiras publicações que a “emoção é negra e a razão é helênica”, que suscitou escândalo que até hoje, e continua a ser criticado pelos pensadores africanos de que ele mesmo “retomou por conta própria em nome dos africanos aquilo que Lévy-Bruhl caracterizou como mentalidade primitiva”. Desse modo, o filósofo beninense Stanislas Adotévi é um dos principais críticos de Senghor, ele escreveu um manifesto célebre, *Négritude et negrologues*, por meio de qual acusou o Senghor de mascarado e até de plágio de Lévy-Bruhl. Por consequente, Diagne afirma que é lamentável por que o Stanislas Adotévi acusou o Senghor antes de ter lido os próprios textos dele. Portanto, para ele Senghor falava do Lévy-Bruhl quando ele usou a expressão a razão participativa como sinônimo de razão enlace. (DIAGNE, 2018, p. 19).

Entretanto, Senghor escreveu que foi alvo de muitas críticas pelos Jovens que lhe criticaram de “ter reduzido o conhecimento negro-africano a pura emoção, de que ele negou a “razão” as técnicas negro-africanas”. Segundo ele isso parece paradoxal, porque a “força vital do negro-africano, sua rendição ao objeto, é animada pela razão”. Senegalês foi mais longe ainda apontando que não falou da razão-olho da Europa, mas sim da “razão sensorial, melhor ainda, razão-envolvente, a razão simpática, mais relacionado com o grego “logos” do que latim “ratio”. (1960 p. 85) Portanto, Senghor citou Einstein para mostra que “a mais bela emoção que podemos sentir é a emoção mística”, que é o germe de toda arte e toda ciência verdadeira”, depois argumentou que os jovens negros africanos estavam errados em cultivar complexo de inferioridade em acreditavam que a razão negro-africano é inferior a europeia. (SENGHOR, 1960, p. 85)

De acordo com o autor, Senghor indica que era necessário fazer uma releitura africana de Marx no que tange ao socialismo considerado científico, a definição de alienação da mesma forma como ela é encontrada em Marx, como perda de substância vital para um objeto exterior e estranho que se apresenta como hostil, remete diretamente a filosofia de Senghor o efeito de um encontro da ontologia da força que está na base das religiões de diferentes regiões africanas, principalmente dos povos bantus, também se inspirou no pensamento bergsoniano do elã vital. Assim, autor reconheceu quatro princípios de ser:

Ser é ser força de viver. É bom para o ser-força aquilo que o fortalece. É ruim para o ser-força aquilo o desfortalece (o neologismo é de Senghor), suga a substancia vital que ele é, tal como um vampiro. Toda força tende naturalmente a ser mais força, ou, em outras palavras, a destinação do ser é se tornar mais ser. (DIAGNE, 2018, p. 34).

Esses quatro princípios de mudança de substancia vital que Diagne chamou de “cosmologia emergente” de Teilhard que o chamou de *mais ser*, desse modo, quando Senghor conheceu a obra de Teilhard o identificou de *ser* da mesma forma que encontrou-o no Bergson como “filosofia do impulso vital e em Marx com a filosofia de uma libertação total do humano do seu estudo de alienação o que fazia advir um verdadeiro humanismo”. (DIAGNE, 2018, p. 34).

A partir dessas evidências acerca de marxismo teilhardiano e bergsonismo Senghor apontou quatro pontos essenciais: no primeiro ele apresenta obra de Marx sobre alienação com ‘a perda de substância vital em proveito de um objeto exterior no qual o trabalhador não se reconhece’. Na mesma ordem de ideia, Marx apresenta a alienação como uma verdadeira vampirização, Senghor a chamou de desfortalecimento; segundo ponto Senghor observou que

o socialismo faz parte do “movimento do mundo”. O terceiro ponto mostra aspetos espiritualista da compreensão socialista de Senghor onde vincula mais ao jovem Marx e não com Marx de capital; no quarto e último ponto como elemento fundamental do pensamento do Senghor a teria de conhecer intuitivo a força vital, podemos notar que a direção filosófica de Senghor baseou-se na arte africana que é um elemento basilar do seu pensamento. (DIAGNE, 2018, p. 34-38).

Com base nessas considerações e discussões, propomos realizar uma pesquisa capaz de oferecer insumos que permitam uma melhor contextualização e compreensão da natureza, do alcance e da atualidade da via do socialismo africano proposta por L. S. Senghor.

3- PROBLEMA DE PESQUISA

O presente projeto propõe, como problema principal a de pesquisa, questionar em que medida que o pensamento senghoriano contribuiu para formulação de uma concepção africana de socialismo. Além disso, nos também nos perguntamos até que ponto o seu pensamento tem a relação com a ontologia da força vital, formulada ao longo da sua obra.

4 - OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender o socialismo africano a partir da releitura e análise da concepção de ontologia da força vital de Leopold Sedar Senghor.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Analisar os principais focos do pensamento de Senghor no que se refere ao socialismo africano a partir da perspectiva cultural;
- b) Entender a relação existente entre o socialismo africano e a ontologia da força vital no seu pensamento;
- c) verificar algumas das semelhanças e divergências entre a proposta de socialismo africano de Senghor frente aos outros pensadores africanos que se dedicaram a pensar essa noção, notoriamente K. Nkrumah e J. Nyerere;

5- HIPÓTESES

Partimos da hipótese de que existe uma leitura possível do Senghor, que aponta para o mundo de hoje e que abre uma possibilidade de reatualizar o conceito do socialismo africano, mas agora numa nova roupagem (perspectiva), porque há uma via possível de interpretar esse conceito, conforme propomos mostrar com essa pesquisa. Souleymane Bachir Diagne nos aponta por essa direção de uma nova leitura dele. A sua contribuição não consiste em afirmar que Senghor se equivocou ao sustentar uma suposta oposição essencializante entre o africano e o ocidental, mas em sustentar que essa leitura resulta muito mais de uma projeção sobre a filosofia senghoriana do que de uma tese sustentada pelo próprio pensador senegalês. Ao contrário, na esteira de S. B. Diagne partimos da ideia de que se criou uma ideia de negritude fixa, eterna e imutável, quase como um modelo platônico, projetado sobre o pensamento de Senghor por seus críticos e reforçada pela leitura do racismo anti-racista promovida por J. P. Sartre.

Por esse motivo, partimos de pressupostos de que há uma interpretação injusta do pensamento de Senghor pelos estudiosos africanos, que não se sustenta. Devido essa leitura equivocada, Senghor foi alvo de muitas críticas. Mas Souleymane Bachir Diagne nos aponta que é preciso ler Senghor de fato, entender o que ele diz por si mesmo ao longo de sua obra. Embora S. Bachir Diagne não reivindique uma perspectiva decolonial⁴, alguns elementos de sua leitura podem nos permitir fazer essa aproximação na abordagem do pensamento de Senghor acerca do socialismo africano. Com efeito, procuramos, na esteira de Bachir Diagne, a possibilidade de pensar Senghor através de uma construção de perspectiva transformadora, aberta, movente e múltipla. Portanto, o senegalês não pensou a África culturalmente como um espaço fechado, que somente “a razão é helênica, e a emoção é africana”, mas, também pensa que a África tem uma diversidade, uma multiplicidade de perspectivas que podem contribuir para o que ele chamou de "civilização do universal", ou seja, para construção de um humanismo novo, “um universalismo realmente universal”.

⁴ Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também loci enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos (COSTA & GROSFUGUEL, 2016, p.5).

6- JUSTIFICATIVA

O meu interesse para pesquisar essa temática surgiu a partir de uma discussão na sala de aula, em um seminário da disciplina de Filosofia de Africana em tínhamos discussão sobre o pensamento de Senghor, a partir daí surgiu a urgência de explorar com mais profundidade o seu pensamento para compreende-lo.

No entanto, é importante destacar também que meus estudos na UNILAB me influenciaram bastante sobre essa temática. As discussões e as experiências compartilhadas em sala de aula e fora dela, com os colegas estudantes e professores, me influenciaram e ao mesmo tempo me motivou a refletir sobre essa temática, e para dar seguimento com essa pesquisa. Também no 3º encontro de Geofilosofia da UNILAB, realizado em 2019 assiste palestra do professor Senegalês, Souleymane Bachir Diagne nessa ocasião esse pensador pode expor as suas reflexões sobre a filosofia e o pensamento do Senghor ou seja, esse evento é um elemento a mais que veio se somar a toda esse contexto, que despertou o meu interesse sobre esse tema.

Considero que esta pesquisa é muito importante para a área das Humanidades, de maneira geral, e para a filosofia africana, de maneira mais específica, na medida em que existem poucas pesquisas, e referências teóricas que versam sobre socialismo africano e seus mais diversos segmentos. Observo a pouca presença de estudos sobre o socialismo africano atualmente na academia⁵, pelo menos no campo da lusofonia. Além disso, as leituras de Senghor são quase sempre inclinadas a projetar sobre seu pensamento uma interpretação da negritude que a converte em uma substância imutável ou, conforme a leitura sartriana, em uma antítese destinada a ser superada no movimento dialético que opõe o racismo anti-racista ao próprio racismo. Isso me motivou a escolher esse tema. Entendo que essa abordagem possui relevância para a comunidade acadêmica e para sociedade em geral, porque irá possibilita-las a conhecerem quem são os pensadores do socialismo africano, e quais são suas ideias e também como este último foi pensado como um modelo econômico alternativo para continente africano antes e após as independências.

Esta pesquisa trará enorme contribuição no meu desenvolvimento acadêmico, como pesquisador. Com efeito, escolhi esse tema porque dialoga com a proposta da UNILAB⁶, na

⁵Não foi possível fazer uma pesquisa exaustiva da situação da pesquisa sobre esse tema nas zonas francófonas, anglófonas e dos falantes de língua árabe no continente, especialmente no Norte da África.

⁶ Art. 2º A Unilab tem como objetivos:

I - ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP,

medida que foi pensada a partir na ideia de integração, e na cooperação de Brasil com os países africanos, a relação sul-sul e a necessidade de pensar o desenvolvimento através de relações interculturais, e ampliar estudos sobre África aqui no Brasil. O tema também dialoga com o próprio objetivo do curso de bacharelado Interdisciplinar em humanidades. Que visa “estudar e analisar no horizonte das Humanidades as transformações político-sociais, culturais, religiosas, linguísticas, ambientais e econômicas, que ocorreram e ocorrem no Brasil, nas diásporas, no continente africano, e nos demais países parceiros da UNILAB”. (PPC DE BIH, 2019, p.33). A presente pesquisa além de contribuir para tornar esse tema mais conhecido ainda, também servirá de suporte documental para os próximos pesquisadores que vão se interessar em pesquisar sobre este assunto.

Contudo, o socialismo africano é um conceito que já existe, mas o que vamos trabalhar nele é uma nova dimensão. Para ressaltar porque é necessário trabalhar esse conceito ainda para demonstrar a sua utilidade hoje, porque vários autores que usaram esse termo depois na África não o analisaram e nem o aplicaram tal como ele foi idealizado pelos seus precursores. Os quais usaram mais o socialismo científico diretamente reproduzido a partir de sua formulação na Europa, ou seja, adotaram modelo importado de ocidente que via desenvolvimento somente na perspectiva econômica para atender grandes grupos hegemônicos internacionais.

7- METODOLOGIAS

Este projeto de pesquisa procura compreender o socialismo africano, bem como analisar uma releitura de Leopold Sedar Senghor a partir da ontologia de força vital. Trata-se de uma abordagem filosófica e interdisciplinar, não é puramente filosófico, mas, é uma conexão da própria filosofia e a interdisciplinaridade, na medida em que pretende dialogar com diferentes áreas das humanidades , como as ciências sociais, a história, a economia, etc. enfim, há diversidade de perspectivas teóricas das humanidades que estão presentes nessa pesquisa. São essas áreas que vão nos permitir entender essa temática. Além disso, essa abordagem compreende uma leitura multimetodológica, já que exige diferentes estratégias para sua realização, nesse sentido. Num primeiro momento, será mobilizada a pesquisa bibliográfica,

especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional; (ESTATUTO DA UNILAB, 2019, P.4)

visto que essa pesquisa procura assimilar temas supracitados. De acordo com entendimento de Gerhardt e Silveira:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 *apud* GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.37).

Sendo assim, analisaremos o livro “Bergson pos-colonial o elã vital no pensamento de Leopold Sedar Senghor e Muhammad IQBAL” de Filosofo senegalês Souleymane Bachir Diagne compõe o corpo da pesquisa, também trabalharemos com próprio o artigo do Senghor intitulado “ um caminho do socialismo africano”, e mais outros livros e artigos que vai nos auxiliar na nossa pesquisa.

Num segundo momento, ela é qualitativa, já que vamos trabalhar formulações teóricas de deferentes correntes ou escolas de pensamentos, porque

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG,1997, p. 34 *apud* GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32).

Por último, utilizaremos também a metodologia filosófica, que segundo Folscheid e Wunenburger (2006, p. 8) “consiste em estabelecer relação necessária com os textos filosóficos, conhecer os conceitos neles utilizados porque os “conhecimentos filosóficos” não são ordinários, conhecimentos que poderíamos “aprender sem penetrá-los e ser por eles penetrados, tal como se preenche um espírito ignorante com conteúdo puramente exteriores”. Nessa perspectiva, faremos uma leitura filosófica sobretudo conceitual, que cingirá na análise, da leitura e um tratamento conceitual dessa questão em estudo, porque esse trabalho tem uma base empírica e de cunho mais teórico, porque os conceitos não flutuam vazios no ar, eles foram

criados para responder as questões concretas da vida. O conceito do socialismo africano foi criado pelos homens africanos que estavam pensando questões extremamente concretas da vida africana, do homem e da mulher africana.

8.CRONOGRAMA

Períodos Etapas	2021	2022	2023
Revisão bibliográfica	X		
Análises preliminares	X		
Aprofundamento da análise teórica e início da redação da monografia		X	
Redação final da monografia			X
Conclusão e apresentação da monografia			X
Elaboração de relatório com resultados finais da pesquisa e publicação de artigo científico			X

REFERÊNCIAS

- CHARLES, José Arlindo, e DE SÁ, Marques Correia Antunes Lucilene, **Cartografia Histórica da África - Mapa cor de Rosa**, Paraty, 201.
- COSTA, Bernardino Joaze & GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro/abril 2016
- COSTA, Pereira Bruno. **Origem e princípios do socialismo**. Paracatu-MG 2018.
- DA COSTA, Magnusson. **pan-africanismo e a economia política: as concepções e a busca africana pela integração e desenvolvimento** – Dissertação de Mestrado defendida pelo Programa de pós-graduação em economia política mundial – PPGEPM, fundação universidade federal do ABC santo andré-sp 2021
- DA MATA, Costa Larissa. **Negritude e criação como devir no pos-colonialismo, segundo Souleymane Bachir Diagne, 2018**. Remate de Males Campinas- SP janeiro/junho 202.
- DE MELLO, Cardoso Fabrício. **socialismo, modernidade e identidade regional em mariategui, senghor e Nkrumah**. Rio de Janeiro, RBCS Vol. 31 n° 92 outubro/2016.
- DIAGNE, Bachir Souleymane. **A negritude como movimento e como devir**, Tradução de Cleber Daniel Lambert da Silva Ensaios Filosóficos, Volume XV – julho/2017.
- DIAGNE, Bachir Souleymane. **Bergoson pós-colonial o elã vital no pensamento de Léopold Sédar Senghor e Muhammad Iqbal**. Tradução de Cleber Daniel Lambert da Silva. Paris, CNRS Éditions 2011, tradução: cultura e Barbaria, 2018.
- FOLSCHNEID, Dominique, e WUMENBURGER, Jean-Jacques – **Metodologia filosófica**, tradução – Paulo Neves- São Paulo 2006
- GERHARDT, Engel Tatiana, & SILVEIRA, Tolfo Denise. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- História geral da África, VIII: África desde 1935** / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010. Essa referência não está correta
- M'BOKOLO, E. **África Negra: História e Civilizações**. Tomos I e II. São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- MUDIMBE, V Y. **A invenção de África gnose, filosofia e o ordem do conhecimento**. Edições pedagogo e das edições Mulemba da faculdade de ciências sociais da universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola. 2013
- NGOENHA, Elias Severino. **filosofia Africana das independências as liberdades**. edição Revista África, Maputo, Moçambique- 1993.
- NKRUMAH, Kwame. **Luta de Classes em África**. Edições Nova Cultura 2ª edição 2018
- NKRUMAH, Kwame. **Socialismo africano revisitado**. Tradução: Gabriel Landi Fazzio da versão em inglês <https://www.marxists.org/subject/africa/nkrumah/1967/african-socialism-revisited.htm>. em 14 de novembro de 2020.

NYERERE, Kambarage Julius. **Ujamaa: The Basis of African Socialism**, April 1962

Projeto pedagógico de curso de bacharelado interdisciplinar em humanidades. São Francisco do conde – Bahia outubro de 2019.

SCHOLL, Johann Camille. **entre Senghor e Cheikh Anta, entre a história e a nação: uma reflexão sobre a ideia de um estado federal para a “africa negra” (1960).** Revista Ars Historica, ISSN 2178-244X, nº16, Jan/Jun 2018, p. 123-139 |< www.ars.historia.ufrj.br>.

SENGHOR, Sedar Leopold. **Um caminho do socialismo**, tradução e Notas de Vicente Barretto, 1960. SILVA, Andreia, **o continente africano**, <https://historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo2/capitulo5/index.html> Acesso: em 07 maio de 2021.

STEFFEN, Mariana, WEBER, Leonardo & ALT, Pedro. **Relações internacional para educadores “Africa em foco” capítulo 3 sob o jugo europeu: do imperialismo europeu às guerras de independência africanas.** Editora UFRGS, Porto Alegre, 2013.